

EFEITOS DO BILINGUISMO SOBRE A L1: EVIDÊNCIAS EM JULGAMENTOS DE ACEITABILIDADE E NO PROCESSAMENTO ONLINE DE BILÍNGUES EM IMERSÃO NA L2 OU NÃO

por Ricardo Augusto de Souza (UFMG)¹, Cândido Samuel Fonseca de Oliveira (UFMG)², Mara Passos Guimarães (UFMG)³ e Lílian Rodrigues de Almeida (UFMG)⁴

RESUMO

Vários estudos recentes apresentam evidências de que o bilinguismo tem efeitos sobre as representações da primeira língua de bilíngues que se encontram imersos no ambiente de sua L2, ou que se encontram em inversão de dominância linguística. Neste artigo, tratamos da questão de serem ou não as influências do bilinguismo sobre a primeira língua limitadas aos bilíngues com esse perfil. Serão discutidos resultados de três experimentos através dos quais foram elicitadas evidências de potenciais influências do bilinguismo sobre a primeira língua tanto de residentes de longo período no ambiente da L2 quanto de bilíngues que se encontravam imersos no ambiente de sua língua dominante.

PALAVRAS-CHAVE: Bilinguismo; influências translingüísticas; processamento online; julgamentos de aceitabilidade.

EFFECTS OF BILINGUALISM ON THE L1: EVIDENCE OF ACCEPTABILITY JUDGMENTS AND ONLINE PROCESSING OF BILINGUALS IN OR OUT OF L2 IMMERSION

ABSTRACT

A number of recent studies have provided evidence that bilingualism has effects on the first language representations of bilinguals who are immersed in the L2 environment, or who have undergone language dominance inversion. In this paper, we address the issue of whether bilingualism influences in the first language competence and performance are limited to such bilingual profile. We discuss the outcomes of three experiments through which we have elicited evidence of potential effects of

1. Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais e Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais.

2. Professor de Língua Inglesa do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Doutorando em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais.

3. Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais.

4. Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais.

bilingualism on the first languages of both long-time residents in the L2 environment and of bilinguals who were immersed in their dominant language environment.

KEYWORDS: Bilinguis; crosslinguistic influence; online processing; acceptability judgements.

1. INTRODUÇÃO⁵:

A possibilidade de identificação de características da língua de maior proficiência (comumente a língua materna, ou L1)⁶ no uso de uma língua de menor proficiência (comumente uma segunda língua, ou L2), em contextos de bilinguismo e de contato linguístico, fomenta a hipótese de que influências entre línguas constituam um fator fortemente impactante tanto na aquisição de segunda língua (ELLIS, 2008), quanto na emergência de línguas crioulas (ODLIN, 2013). Especificamente nos estudos sobre a aquisição e o processamento de L2, trata-se de manifestações que recebem genericamente a denominação de *influências translinguísticas*, denominação esta hoje mais aceita do que o outrora predominante rótulo “transferência linguística”, segundo Odlin (2013). Trata-se de manifestações equivalentes, e tecnicamente de difícil distinção, aos fenômenos denominados como “influência de substrato” nos estudos sobre o contato linguístico e a emergência de crioulos (ODLIN, 2013).

Este trabalho trata de uma faceta específica das influências translinguísticas: possíveis reconfigurações da L1 de falantes bilíngues. Mudanças no estatuto do conhecimento e do uso da L1 dos falantes bilíngues foram inicialmente documentados em estudos sobre a erosão e perda linguística. Esses estudos enfocam majoritariamente bilíngues imersos em ambientes sociais onde há dominância de sua L2, e abordam populações bilíngues cujo perfil é caracterizado usualmente por alta proficiência na L2, acompanhada por provável perda de proficiência em alguns aspectos de sua L1. Ou seja, trata-se de bilíngues com inversão de dominância da L1 para dominância da L2. A prevalência deste perfil de bilíngues pode sugerir que o fenômeno de alterações nas representações e no uso da L1 seja restrito a essas populações bilíngues.

Contudo, mais recentemente surgem estudos, ainda razoavelmente menos frequentes, que sugerem a possibilidade de efeitos do bilinguismo sobre o processamento em L1 mesmo entre bilíngues que não se encontram imersos em ambiente da L2 ou em inversão de dominância da L1 para a L2 (SOUZA, 2012; FERNÁNDEZ, SOUZA, no prelo), e que nem tampouco possuem altíssima proficiência na L2 (VAN HELL, DIJKSTRA, 2002).

O presente trabalho tem por objetivo principal contribuir para a discussão sobre a abrangência dos perfis de bilinguismo com os quais influências sobre a L1 podem ser verificadas. Para atingir tal objetivo, narraremos dois experimentos de julgamento de aceitabilidade e um experimento de monitoramento

5. Este trabalho só foi possível graças ao financiamento obtido através da bolsa APQ02204-12, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, à qual os autores são gratos. Agradecemos, ainda, aos dois pareceristas anônimos por comentários que nos auxiliaram a tornar nossos argumentos tão explícitos quanto nos foi possível.

6. É bastante plausível que a língua na qual um dado falante bilíngue tem maior proficiência seja frequentemente também aquela de emprego majoritário no entorno social desse falante.

ocular que envolveram populações tanto de bilíngues em provável inversão de dominância linguística quanto bilíngues em contexto de L1 dominante. Buscaremos demonstrar que efeitos do bilinguismo sobre a L1 podem ser observados sistematicamente, desde tarefas online, até tarefas que se afastam de restrições de automaticidade de processamento; assim como entre populações bilíngues que variam de residentes em longa estadia em comunidades de falantes da L2, até aprendizes de língua estrangeira.

Na seção seguinte trataremos da relevância teórica da observação de efeitos do bilinguismo sobre a L1 para modelos globais do bilinguismo. Em seguida, trataremos de três fenômenos linguísticos onde há contrastes entre o português do Brasil (PB) e o espanhol, e entre o PB e o inglês. Passaremos, então, à apresentação de experimentos envolvendo bilíngues do espanhol e do PB, e do PB e do inglês. Finalizaremos o trabalho com ponderações sobre as implicações de nossas constatações para a agenda de estudos sobre a aquisição e o processamento de segunda língua.

2. A RELEVÂNCIA TEÓRICA DE EVIDÊNCIAS DE INFLUÊNCIAS DO BILINGUISMO SOBRE A L1

Do ponto de vista da aquisição de L2 e do processamento da linguagem por bilíngues, Jarvis e Pavlenko (2007) argumentam que as evidências de influências translinguísticas podem englobar a totalidade dos âmbitos de organização linguística. Assim, segundo esses autores, ela pode ocorrer no nível semântico-conceitual, no fonológico, no morfossintático, e no pragmático-discursivo. Tal como comentado em Ellis (2008), a influência translinguística não se limita a interferências impeditivas do aparecimento em uma L2 de padrões linguísticos comparáveis aos de falantes monolíngues daquela língua, podendo também favorecer e acelerar a consolidação de tais padrões. Assim, a hipótese da influência translinguística pode desdobrar-se em hipóteses sobre a relativa facilidade de aquisição, por usuários de L2, de traços e propriedades linguísticas de línguas tipologicamente distintas da L1, e também em hipóteses sobre os limites da proficiência em L2 e sobre a complexidade cognitiva envolvida em seu processamento.

A pesquisa em aquisição de L2 produz, há vários anos, documentação ampla de estudos que sugerem influências do conhecimento da L1 sobre o desenvolvimento inicial da aprendizagem de L2. Estes estudos advêm de quadros teóricos variados (BRAIDI, 1999). Dentro do paradigma gerativo, por exemplo, averiguaram hipóteses sobre impossibilidade de re-fixação de parâmetros da L1, o que é teorizado como indicativo de impedimento do acesso à Gramática Universal por aprendizes de L2. Essa impossibilidade implicaria que o estágio inicial da aquisição de L2 e seu desenvolvimento subsequente seria constituído unicamente pela atuação de representações da L1.

Há bastante consenso entre os pesquisadores da L2 de orientação gerativista em torno da proposta de que os valores paramétricos da L1, conjuntamente com projeções lexicais e funcionais de sua gramática, se fazem presentes nos estágios primevos de aquisição de L2. Não obstante, há várias propostas que postulam haver a possibilidade de re-fixação paramétrica, em acordo com a gramática da L2. Para alguns autores, isto evidenciaria a possibilidade de acesso direto aos parâmetros da Gramática Universal também para o aprendiz de L2 (WHITE, 2003).

Paralelamente, há a hipótese de que a observação de influência da L1 sobre a L2 seja reflexo também do estágio de maturidade cognitiva no qual se encontra o aprendiz de L2, usualmente mais avançado que a criança que adquire a L1. Por exemplo, Schachter (1993) propõe que a transferência da L1 se dê ao menos em parte em função da exploração, tácita ou explícita, de hipóteses sobre a equiparação dos recursos expressivos da L1 e da L2. Alinha-se a esta perspectiva a observação de um recurso estratégico razoavelmente comum na fala de alguns bilíngues que, na comunicação na língua de menor proficiência, ao perceberem o desconhecimento ou a falha na ativação de vocabulário, inserem itens lexicais da L1, com adaptações morfofonológicas aproximativas da L2, em mensagens formuladas predominantemente na L2 (DÖRNYEI, KORMOS, 1998). Trata-se de uma forma de mudança de código (*code-switching*), possivelmente motivada por uma tentativa de descoberta de palavra cognata na L1 e na L2, da qual geralmente resulta uma influência intencional da L1.

Portanto, a verificação de influências da L1 na aprendizagem e uso de L2 pode ser fruto da associação entre a condição específica do processo de aprendizagem de segunda língua, que parte de um estado inicial no qual representações linguísticas se encontram já instaladas, e estratégias específicas do usuário de L2 (MUYSKEN, 2013). Assim, o surgimento de elementos e estruturas da L1 no uso da L2 poderia constituir prevalentemente um conjunto de comportamentos estratégicos, mais do que ser um aspecto propriamente advindo da arquitetura das representações linguísticas envolvidas no bilinguismo.

Entendemos, portanto, que evidências de influências da L1 em contexto de aquisição de L2 não são plenamente suficientes para a aceitação da hipótese de que há intercomunicação entre os repositórios representacionais das línguas faladas por bilíngues. Afinal, o comportamento estratégico ora sugerido pode ser acoplado a um modelo global do processamento da linguagem bilíngue que assuma a existência de repositórios separados de representações linguísticas, um para cada língua, sendo que comportamentos estratégicos poderiam intervir em função de automonitoramento do produto dos mecanismos de acionamento de conhecimento linguístico.

Por outro lado, um corpo de evidências de influências translinguísticas que nos parece mais promissor, no tocante à sondagem da questão da intercomunicação das representações de línguas específicas em bilíngues, é a observação de possíveis efeitos do conhecimento e uso de L2 sobre a competência e o desempenho da L1. Em um cenário no qual há evidência de tais efeitos, entendemos ser difícil a manutenção de qualquer força explanatória na hipótese de que a influência translinguística se dá em função da natureza do estado inicial de aquisição. Entendemos, ainda, que há nesse cenário significativo enfraquecimento da hipótese de que a influência translinguística é movida por estratégias baseadas na exploração de equivalências hipotéticas entre os recursos expressivos da L2 e da L1, almejando a aprendizagem da segunda.

Tal como mencionado anteriormente, estudos que exploram sistematicamente a influência translinguística de L2 para L1 são relativamente recentes, quando comparados aos relatos de influências de L1 sobre a L2. É exemplo desses estudos Pavlenko e Jarvis (2002), que, através de eliciação de narrativas orais de falantes do russo como L1 e do inglês como L2 residentes nos EUA, sugerem a identificação de influências translinguísticas bidirecionais (tanto da L1 para a L2, quanto da L2 para L1) nas escolhas lexicais de sujeitos bilíngues. Outro exemplo é o trabalho de Balcom

(2003), um relato do desempenho de falantes do francês monolíngues e falantes bilíngues do francês e do inglês em julgamentos de gramaticalidade. A autora relata rejeição significativamente mais frequente de sentenças teoricamente gramaticais na L1 dos bilíngues, em concordância com uma restrição gramatical existente em sua L2, mas não em sua L1.

Na perspectiva do processamento linguístico, o estudo relatado por Van Hell e Dijkstra (2002) apresentou evidências de efeitos de facilitação em tarefas de associação lexical e decisão lexical em L1 atribuíveis ao conhecimento de vocabulário em L2. O estudo relatado por Dussias e Sagara (2007) sugere uma alteração na preferência de aposição de orações relativas de falantes do espanhol como L1 e do inglês como L2 imersos em ambiente social da L2. Também Sorace (2011) resenha resultados de experimentos com sujeitos bilíngues com longa residência em ambientes onde a L2 é dominante que podem ser interpretados como a possibilidade de que a exposição prolongada e intensiva à L2 levaria à perda de versatilidade do acesso a repositórios representacionais no processamento linguístico em L1, o que se traduziria em comportamentos sugestivos de erosão da capacidade de processamento em L1 comparativamente aos falantes monolíngues dessa língua.

Contudo, como comentado acima, cabe observar que a maioria dos estudos que sugerem influências translinguísticas da L2 sobre a L1 envolve bilíngues cujo perfil é de imersão em ambientes onde a L2 é dominante. A imersão na L2 pode ser indicativo de uma situação de inversão de dominância na L1 para dominância na L2, ou até mesmo de erosão linguística da L1. Dos estudos aqui citados, a única exceção a este perfil são os participantes do estudo de Van Hell e Dijkstra (2002), cujos sujeitos eram bilíngues que adquiriram uma L2 e uma L3 em contexto de instrução formal, em seu país de origem e residência. Também são exceções os estudos relatados por Souza (2012) e Fernández e Souza (no prelo). O primeiro narra um experimento para a observação do processamento online, cujos sujeitos bilíngues eram em sua totalidade também residentes em seu país de origem, no qual a língua materna desses participantes é igualmente a língua oficial e dominante na sociedade. O segundo relata um experimento envolvendo participantes bilíngues que, ainda que residentes em país onde sua L2 era falada, não apresentavam nenhuma evidência de inversão de dominância ou de erosão de sua L1.

Coloca-se como questão, portanto, até que ponto os possíveis efeitos do bilinguismo sobre a L1 seria um fenômeno restrito a populações bilíngues influenciadas por vivências de imersão prolongada em ambientes da L2. Para a resolução desta questão, o cotejamento entre resultados de estudos com bilíngues em imersão com estudos com bilíngues que não têm tal perfil guarda, em nossa compreensão, uma óbvia relevância teórica. Tal cotejamento permitirá a tomada de decisão sobre o quão generalizável ao bilinguismo como um todo serão modelos que englobem a integração entre as representações de línguas específicas. Ou, ao contrário, o quanto essa integração é restrita a apenas o segmento da população bilíngue que tem a experiência de imersão em ambiente da L2, ou de inversão ou balanceamento da dominância linguística, sendo, portanto, relevante a modelos de um tipo de bilinguismo.

Passaremos, a seguir, para a descrição comparativa de construções do espanhol, do inglês, e português do Brasil que nos permitiram desenhar experimentos que contemplaram esta questão.

3. TRÊS CONSTRUÇÕES ILUSTRATIVAS DE CONTRASTES DO PB COM O ESPANHOL E COM O INGLÊS

As três construções analisadas neste estudo são de especial interesse para a pesquisa acerca da influência da L2 sobre a L1 por se tratarem de fenômenos de interface entre a sintaxe, a semântica e a pragmática. Estudos recentes sugerem que as estruturas linguísticas que envolvem esse tipo de interface podem trazer evidências mais claras de processos acarretados pelo bilinguismo. Sorace (2011), por exemplo, afirma que construções que contêm interface entre sintaxe e outros domínios cognitivos possuem menor propensão a serem adquiridas em comparação com aquelas estruturas que não apresentam esse tipo de interface. Ademais, a autora propõe que tal fenômeno pode ser estendido à L1 do falante bilíngue – mais especificamente, acredita-se que essas estruturas de difícil aquisição na L2 são também as mais vulneráveis em casos de erosão linguística da L1.

3.1. O clítico acusativo de terceira pessoa no PB e no espanhol

Ainda que sejam línguas românicas semelhantes, o espanhol e o PB apresentam importantes diferenças (muitas das quais de ordem pragmática). Uma dessas diferenças é ilustrada neste estudo pelo clítico acusativo de terceira pessoa. Ele apresenta correspondência sintática e semântica entre o espanhol e o PB, havendo, contudo, variação na frequência de sua ocorrência nas duas línguas. O clítico acusativo de terceira pessoa é exemplificado em (1b) para o PB, e em (2b) para o espanhol:

(1a) Maria se encontrou com *João*.

(1b) Maria *o* achou triste.

(2a) María se encontró con *Juan*.

(2b) María *lo* encontró triste.

Entretanto, como afirmam Moreno Garcia e Fernández (2007), o uso de pronomes objeto como anáfora na função de objeto direto é uma exigência da língua espanhola, estando vetado ao pronome sujeito cumprir essa função; já os falantes do PB evitam o emprego do pronome objeto como anáfora. Em sua maioria, os referentes são repetidos em vez de substituídos na língua falada (Moreno Garcia; Fernández, 2007). Já na escrita, quando ambos os objetos direto e indireto estão presentes, opta-se frequentemente por substituir apenas um deles pela anáfora pronominal correspondente (Moreno Garcia; Fernández, 2007), geralmente o objeto indireto (Coelho, 2001).

O emprego de pronomes sujeito ou de pronome nulo como anáfora para a função de objeto, sobretudo na terceira pessoa do singular, é também uma opção bastante frutífera no português falado no Brasil, com registros nos séculos XIX e início do XX (Cyrino, 1996) e provavelmente como retenção de arcaísmo sintático (Penna, 1998).

3.2. A alternância de movimento induzido

No inglês, observa-se uma construção definida por Levin (1993) como alternância de movimento induzido. Nela, um subgrupo dos verbos de modo de movimento⁷ aceita indução externa, como na sentença (3):

7. Verbos que, em sua maioria, “descrevem maneiras nas quais entidades animadas podem se mover” (LEVIN, 1993).

(3) The coach ran the students around the field.

O treinador correu os alunos em volta do campo.

O treinador fez os alunos correrem em volta do campo.

Nesta construção, o verbo <run> se associa a um morfema abstrato de causação, que transforma o SN <the coach> no causador que leva o SN <the students> a realizar a ação. Para que esta construção seja licenciada, é necessário que tanto o SN causador quanto o SN causado sejam entidades animadas e volitivas e que o causador não seja o praticante da ação, mas apenas seu desencadeador.

Levin (1993) aponta que o licenciamento da alternância do movimento induzido depende também de um SP direcional – que licencia a sentença (3) em inglês. Sem ele, a construção se torna agramatical como em (4):

(4) *The coach ran the students.

O treinador correu os alunos.

Os verbos de modo de movimento não aceitam a alternância do movimento induzido em PB. Isso implica que os nódulos linguísticos que permitem usar RUN com estrutura bi-argumental em inglês não estão disponíveis para a contrapartida do PB, CORRER, como mostrado em (5):

(5) *O treinador correu os alunos em volta do campo.

3.3. A construção resultativa

A construção resultativa se caracteriza pelo fato de que um dos argumentos (comumente o objeto direto) recebe a predicação de determinada propriedade por efeito direto da ação descrita pelo verbo da sentença. Como ilustrado na sentença (6) abaixo, o SAdj <dry> descreve uma propriedade do SN <table> que é resultado da ação descrita pelo verbo <wipe>.

(6) Samuel wiped the table dry.

Samuel esfregou a mesa até deixa-la seca.

Devido ao fato de a construção resultativa apresentar uma considerável variação sintática e semântica, Jackendoff e Goldberg (2004) defendem que ela é, em verdade, formada por uma família de subconstruções. A aquisição e o processamento de cada uma das subconstruções resultativas podem ocorrer de formas distintas. Para este estudo, selecionamos a subconstrução resultativa transitiva selecionada⁸ com SAdj, cuja semântica é causativa de propriedade⁹ (JACKENDOFF, GOLDBERG, 2004), ilustrada em (6), pelo fato de essa subconstrução já ter sido explorada de forma mais aprofundada anteriormente (WECHSLER, 2001) e também por apresentar status de gramaticalidade distinto quando o inglês e o PB são comparados.

8. No original, “selected transitive resultative” (Goldberg, Jackendoff, 2004, p. 6).

9. No original, “causative property resultative” (Goldberg, Jackendoff, 2004, p. 8).

Em inglês, tal subconstrução é produtiva e suas regras de formação são consideravelmente bem conhecidas (WECHSLER, 2001; JACKENDOFF, GOLDBERG, 2004). Em PB, apesar de haver trabalhos que defendem a existência da construção resultativa (LOBATO, 2004; MARCELINO, 2000), sabe-se que as sentenças que seguem o padrão sintático-semântico de (6) são ilícitas (BARBOSA, 2008).

Não obstante, o padrão sintático presente em (6) é altamente produtivo em PB. Se as traduções das palavras em (6) forem utilizadas em PB na mesma sequência que aparecem na construção resultativa, elas formarão uma sentença lícita, tal como em (7).

(7) João esfregou a mesa seca.

A interpretação em PB, contudo, difere daquela em inglês, pois em PB o SAdj descreve uma propriedade do objeto durante a ação. Assim, tal sentença em PB é uma instância da construção descritiva e não da construção resultativa. Portanto, tal como discutiremos abaixo, alguns cuidados adicionais devem ser tomados na construção de materiais que exploram o contraste da leitura da construção resultativa do inglês através de sua simulação no PB.

Passemos, então, ao relato dos três experimentos através dos quais abordamos a questão proposta como foco deste estudo.

4. TRÊS EXPERIMENTOS COM FOCO NO DESEMPENHO DE BILÍNGUES EM SUA L1

Os experimentos que descreveremos a seguir contemplaram dois perfis de participantes bilíngues. O primeiro destes perfis foi composto por bilíngues do espanhol (L1) e do PB (L2) que eram residentes no Brasil há mais de uma década, em média, tendo sido neste país que esses participantes foram recrutados para o experimento e onde o mesmo foi realizado. Todos julgavam-se altamente proficientes em sua L2, e a usavam cotidianamente em suas atividades de socialização, o que é fortemente sugestivo do processo de inversão de dominância, ao menos em alguns domínios de uso. O segundo perfil, por sua vez, foi composto por participantes bilíngues no PB (L1) e no inglês (L2) que eram residentes no Brasil, país no qual transcorreu parte expressiva de sua aprendizagem da L2, e no qual ocorreram igualmente o recrutamento dos participantes e os procedimentos experimentais.

Ainda, os experimentos abaixo descritos contemplaram três tarefas distintas em relação aos pressupostos sobre o tipo de processamento linguístico por elas requerido. A primeira dessas tarefas envolveu leitura de trechos em tela e o rastreamento de movimentos oculares dos leitores. Esta tarefa é compreendida como possibilidade de exame do processamento online e incremental da linguagem. A segunda tarefa foi um julgamento de aceitabilidade cronometrado, tarefa através da qual busca-se restringir a possibilidade de reflexão metalinguística, portanto revelando-se a ativação de conhecimentos linguísticos implícitos, mais do que explícitos. A terceira tarefa foi um julgamento de aceitabilidade através de estimativa de magnitude, que foi por nós aplicada através de uma interface da Internet, sem controle de tempo para a execução da tarefa, e que, portanto, possibilitou a ativação inclusive de reflexão metalinguística e conhecimentos linguísticos explícitos.

Portanto, através dos três experimentos a seguir manipulamos o perfil dos participantes com vistas a obter tanto sujeitos entre os quais tínhamos alta expectativa de verificar efeitos do bilinguismo sobre a L1, como aqueles entre os quais tal verificação é ainda uma incógnita. Igualmente, manipulamos o grau de automaticidade subjacente ao processamento linguístico envolvido nas tarefas, que variaram desde a observação do processamento online até a possibilidade de plena intervenção de considerações metalinguísticas.

4.1. Experimento 1: observação do processamento online a partir de rastreamento ocular

Frente ao fato de que o clítico acusativo de terceira pessoa é uma forma não preferida no PB, mas obrigatória no espanhol, o experimento 1 teve por objetivo verificar se a opção gramatical do espanhol tornaria o processamento dessas formas pronominais menos oneroso, mesmo entre bilíngues do espanhol e do PB imersos em ambiente de uso dominante do PB.

4.1.1. Materiais e métodos

Foi preparada uma lista com 108 pares de sentenças de estrutura SVO (sujeito-verbo-objeto), em PB e em espanhol. Nas primeiras sentenças constavam os referentes e, nas segundas, chamadas críticas, as anáforas. Desses pares, 36 eram alvo, e a sentença crítica retomava, com um clítico acusativo de terceira pessoa, um antecedente não saliente (com função sintática de objeto direto ou indireto). As sentenças foram retiradas do *corpus* de Gelormini-Lezama e Almor (2011) e traduzidas e/ou adaptadas para o par linguístico alvo da investigação. Seguem exemplos:

(8a) Cíntia chamou *Alberto*.

(8b) Cíntia *o* escutava mal.

(9a) Cintia llamó a *Alberto*.

(9b) Cintia *lo* escuchaba mal.

Os 72 pares distratores foram especialmente criados e traduzidos para a pesquisa, e a sentença crítica retomava, com um pronome nulo ou um pronome pleno, um antecedente saliente, ou seja, com função de sujeito. Em menor número havia anáforas retomando em conjunto antecedentes salientes e não salientes. Seguem exemplos:

(10a) Emília conheceu Augusto na festa.

(10b) Eles são amigos da Marcela.

(11a) Emilia conoció a Augusto en la fiesta.

(11b) Ellos son amigos de Marcela.

Além das sentenças experimentais, uma lista com cinco pares análogos foi criada para um pré-teste de familiarização, e perguntas de resposta “sim” ou “não” foram utilizadas para garantir a atenção dos participantes. Os itens foram apresentados aleatoriamente.

4.1.2. Participantes

Foram formados dois grupos de cinco integrantes, sendo um com monolíngues do PB e o outro com bilíngues do espanhol (L1) e do PB (L2). Todos os participantes eram adultos e tinham o curso

superior incompleto como nível mínimo de escolaridade. Os bilíngues eram latino-americanos e estavam no Brasil havia 14,5 anos em média, variando de 5 a 28 anos.

4.1.3. Procedimentos e resultados

Os participantes receberam as instruções para a uma tarefa de leitura e compreensão de sentenças apresentadas em tela de um computador. Cada grupo executou a tarefa em sua língua materna. Ou seja, os falantes monolíngues do PB leram nesta língua, e os bilíngues do espanhol e do português leram em espanhol. Após uma sessão de treinamento, os participantes davam início à sessão experimental em si, cuja duração era de aproximadamente 20 minutos. Os movimentos oculares dos participantes foram registrados pelo rastreador ocular *Eye Link 1000¹⁰*, com o qual foram medidos os tempos totais de fixação do olhar na estrutura crítica (o clítico na posição de objeto) e o número de fixações do olhar na mesma estrutura. Tal fixação do olhar foi tomada como um índice de custo de processamento deste elemento linguístico em particular.

Tal como mostra o Gráfico 1, a média do tempo total de fixações foi de 325,5 milissegundos para os leitores em espanhol (bilíngues do espanhol e no PB) e de 286,7 milissegundos para os leitores em português (monolíngues brasileiros). O teste-T de Student mostrou que essa diferença é significativa ($t = 21.9535$, $df = 211$, $p < 0,001$). Portanto, a despeito de sua língua materna exigir o clítico acusativo de terceira pessoa, os leitores bilíngues gastaram em média mais tempo para processar os clíticos acusativos que os leitores brasileiros monolíngues.

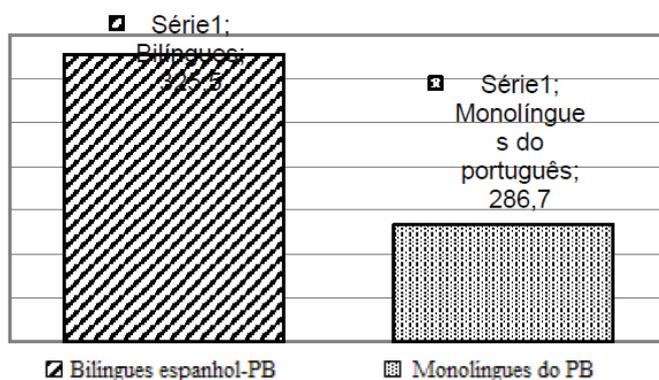


Gráfico 1: Média do tempo total (ms) de fixações por grupo de falantes.

A média do número de fixações na palavra crítica, por sua vez, foi de 1,45 para os bilíngues e de 1,27 para os monolíngues brasileiros (tal como mostra o Gráfico 2). O teste estatístico Chi-quadrado aplicado não mostrou diferença significativa para essa variável ($X^2(81)$, $df(211)$, $p=1$). Esta observação sugere ainda que os participantes bilíngues tenham demonstrado um custo de processamento maior do que o demonstrado pelos falantes monolíngues do PB para o processamento dos clíticos acusativos. Parece tratar-se de um efeito altamente localizado e que não implicou o acionamento de estratégias de reanálise das sentenças em questão. Isto sugere um provável efeito de estranhamento ao clítico, efeito este que não obstante é rapidamente desfeito, sugerindo acesso rápido às representações da gramática de L1, o que torna bastante remota a hipótese de que esses participantes bilíngues estivessem em situação de plena erosão, ou perda de sua L1.

10. Para especificações técnicas, consultar: <http://www.sr-research.com/mount_desktop.html>.

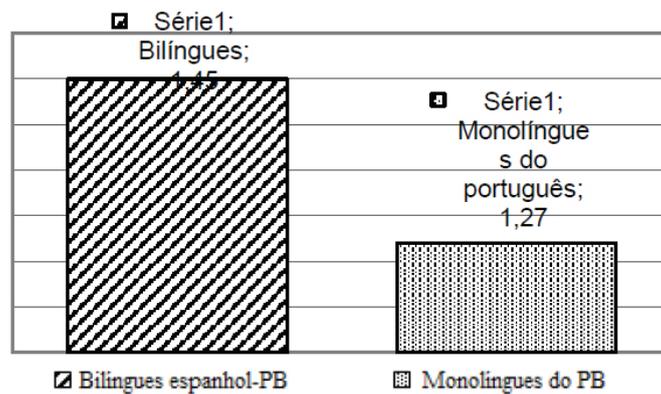


Gráfico 2: Média do número total de fixações por grupo de falantes.

As medidas de fixação observadas foram tomadas como índice de dificuldade de processamento da estrutura crítica deste experimento. Como para os falantes de espanhol a referida estrutura é exigida, ao passo que para falantes do PB ela é pragmaticamente¹¹ não preferida, esse resultado sugere um estranhamento do clítico ocasionado pela influência da L2, o PB, na qual os bilíngues estão inseridos.

Os estímulos críticos buscaram instanciar uma opcionalidade de ordem pragmática que se pauta em relatos da literatura. Como já mencionado anteriormente no trabalho, ao contrário do que ocorre no espanhol, em que o clítico acusativo é plenamente utilizado, no português brasileiro esse é evitado tanto na língua oral quanto na escrita, sendo muitas vezes substituído por outras estratégias anafóricas (ver MORENO GARCIA, FERNÁNDEZ, 2007; COELHO, 2001). Diante disso, o efeito diamésico que poderia incidir sobre a percepção do clítico como estrutura pouco natural na língua, em razão de a forma escrita favorecer o registro formal, estaria atenuado.

Note-se, ainda, que nestes estímulos optamos pela ausência de artigo definido com determinante de antropônimos, pois observamos tratar-se de uma situação de opcionalidade variacionista de ordem diatópica e diafásica no PB. O uso do artigo definido antes de nomes próprios é variável no Brasil¹² e até mesmo dentro de um único estado, como mostrou Mendes (2010) em pesquisa sobre duas cidades limítrofes de Minas Gerais (Matipó e Abre Campo) que apresentavam padrões distintos. E é variável, também, seu efeito sobre o registro. No estudo mencionado de Mendes (2010), o fator intimidade não foi determinante para o uso do artigo. Já em Amaral, (2007), esse fator mostrou-se importante, embora não o tenha sido isoladamente e tampouco para todas as cidades avaliadas pelo pesquisador. Restringindo-se ainda mais o campo de observação, ou aproximando-nos do espaço do presente estudo, é possível verificar variação dentro da própria Região Metropolitana de Belo Horizonte, da qual provém a maioria dos falantes monolíngues de PB que participaram da pesquisa. Em Mariana, por exemplo, a ausência de artigo definido antes de antropônimo é a estrutura preferida na língua oral (Braga, 2012), enquanto em Belo Horizonte há registro da preferência pelo uso do artigo, inclusive no português culto, como mostra Moisés (1995). Portanto, acreditamos firmemente que a opção pela ausência do artigo não enviesava nossos estímulos experimentais para uma diamesia ou diafasia específica.

11. Agradecemos a um parecerista anônimo desta revista por ter chamado nossa atenção para este fato.

12. Ver Leite e Callou, 2002, que relatam estudo realizado com dados do Projeto NURC, sobre a norma culta urbana no Brasil.

4.2. Experimento 2: primeiro julgamento de aceitabilidade

O experimento 2 teve dois objetivos. Buscou-se primeiramente verificar se os julgamentos de monolíngues do PB e de bilíngues do PB e do inglês, não imersos em ambiente sociolinguístico de sua L2, seria diferentes para sentenças que simulavam na língua portuguesa a alternância de movimento induzido, que é uma construção lícita no inglês. O objetivo foi verificar se a construção da língua inglesa era adquirida pelos bilíngues. A tarefa de julgamento foi realizada de modo cronometrado, ou seja, com um teto temporal para a emissão de julgamentos. Buscou-se, ainda, contrastar os julgamentos de monolíngues e bilíngues para sentenças em língua portuguesa que simulam a alternância em questão. A tarefa de julgamento foi então não cronometrada, com estimativa de magnitude.

4.2.1. Materiais e métodos

No primeiro julgamento havia dois grupos de sentenças: o primeiro em PB, para os monolíngues do PB, e o segundo em inglês, para os bilíngues de alta proficiência em inglês. No primeiro grupo, foram mostradas 48 sentenças, contendo 7 sentenças-alvo, 8 sentenças-controle com verbos de mudança de estado na forma transitiva e 33 sentenças distratoras. O segundo grupo apresentou sentenças em inglês correspondentes às do primeiro grupo, com a adição de 8 sentenças por nós denominadas de pseudocausativas (com verbos inergativos que não aceitam a alternância de transitividade) e igual diminuição no número de sentenças distratoras. Os sujeitos leram as sentenças mostradas em modo de apresentação automático do software Power Point, da empresa Microsoft, através de projeção em tela. No segundo julgamento, foram julgadas 80 sentenças através de uma interface para a Internet. Oito dessas sentenças mimetizavam a alternância de movimento induzido para o português. Os julgamentos eram expressos através de atribuição de números às sentenças lidas.

4.2.2. Participantes

Ao todo, 51 pessoas participaram do primeiro julgamento. Delas, 18 eram bilíngues PB-inglês de alta proficiência, e as 33 restantes eram monolíngues do PB. Os sujeitos foram classificados de acordo com o teste de alcance lexical de Nation (1990), o *Vocabulary Levels Test* (VLT), que foi, assim como o experimento em si, cronometrado (10 minutos para a execução do VLT). Só foram considerados bilíngues de alta proficiência aqueles que conseguiram uma pontuação maior do que 72 (em 90) pontos em 10 minutos, e só foram considerados monolíngues do PB aqueles que obtiveram pontuação menor que 36. Participaram do segundo julgamento 42 sujeitos. 21 desses sujeitos eram monolíngues do português do Brasil, e 21 eram bilíngues do PB e do inglês com alta proficiência, também aferida pelo VLT.

4.2.3. Procedimentos e resultados

Para o primeiro julgamento, sujeitos foram instruídos a julgar as sentenças mostradas em uma escala Likert que foi de um (completamente inaceitável) a sete (completamente aceitável). Cada sentença foi mostrada por 9 segundos, tempo suficiente para sua leitura e julgamento. Porém, nossa expectativa era que este tempo não permitisse grande influência de análises metalinguísticas ou de reflexões sobre possíveis contextos que licenciassem usos excepcionais. Para o segundo julgamento, os participantes receberam todas as instruções necessárias através da interface para a internet, e também passaram por uma sessão de treinamento. Após essa preparação, os participantes executaram a tarefa seguindo

o paradigma da estimativa de magnitude. Neste paradigma, os sujeitos são livres para atribuir um valor numérico às sentenças julgadas, baseando-se em sua percepção do nível de maior ou menor aceitabilidade da sentença em relação a uma sentença que serve de parâmetro para as demais¹³. Após a coleta de dados, os julgamentos dos participantes foram tabulados e normalizados¹⁴.

Na análise do primeiro julgamento, foram aglomerados todos os julgamentos para cada verbo de modo de movimento e de mudança de estado, dos dois grupos de estímulos. Os julgamentos dos monolíngues e dos bilíngues foram então comparados através do teste de Mann-Whitney. A seguir, apresentamos graficamente os resultados para os julgamentos das sentenças com a alternância de movimento induzido e para as sentenças com verbos de mudança de estado.

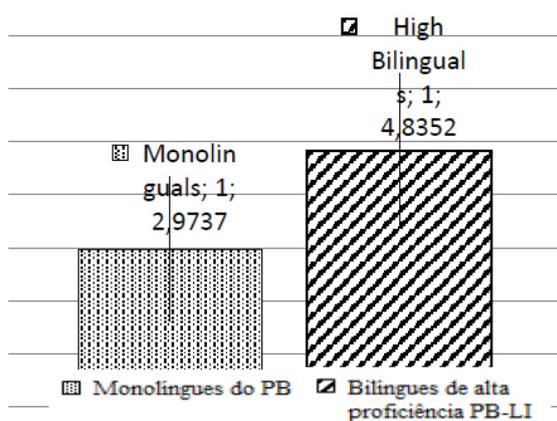


Gráfico 3: Mediana da aceitabilidade da alternância de movimento induzido.

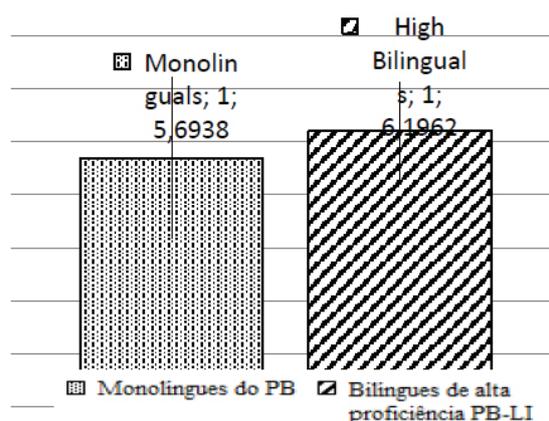


Gráfico 4: Mediana da aceitabilidade das causativas com verbos de mudança de estado.

Observa-se que os bilíngues manifestaram maior aceitabilidade da alternância de movimento induzido do que os monolíngues. Esta diferença foi estatisticamente significativa ($U = 8153, P \leq 0.001$). Por outro lado, as sentenças com verbos de modo de movimento não produziram julgamentos significativamente diferentes ($U = 13593.5, P > 0.05$). Esses resultados revelam que os bilíngues adquirem a alternância de movimento induzido, ou seja, são capazes de generalizar o comportamento transitivo de verbos de modo de movimento. A não diferenciação dos julgamentos para os verbos de mudança de estado indica, por outro lado, que o contraste dos julgamentos é motivado pela especificidade da alternância de movimento induzido como construção do inglês.

Exploramos, então, a hipótese de que bilíngues produziram julgamentos diferentes de monolíngues para sentenças em português que simulam a alternância de movimento induzido através da segunda tarefa de julgamento de aceitabilidade. Os resultados são apresentados graficamente abaixo:

13. Para informações sobre o paradigma da estimativa de magnitude, ler Sorace (2010).

14. A normalização dos dados foi realizada da seguinte forma: cada participante teve cada um de seus escores (julgamentos) subtraído pelo seu escore mínimo e dividido pelo tamanho do intervalo de sua escala. Dessa forma, todas as escalas passaram a ter o intervalo 0-1 e os testes estatísticos puderam ser aplicados.

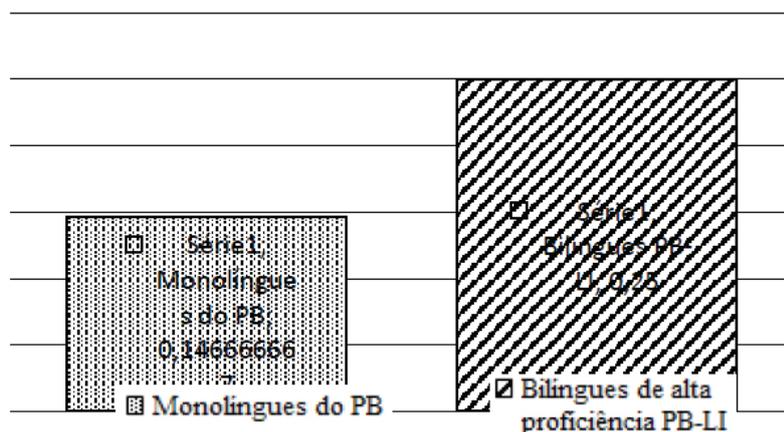


Gráfico 5: Mediana da aceitabilidade dos verbos de movimento induzido em língua portuguesa.

Observa-se que os bilíngues foram mais tolerantes às sentenças que forçavam alternância de movimento induzido para o português que os monolíngues, sendo esta diferença estatisticamente significativa ($U = 11990,5$, $P \leq 0.05$). Observamos, assim, um afastamento dos bilíngues em relação à restrição gramatical de sua L1.

4.3. Experimento 3: segundo julgamento de aceitabilidade.

O terceiro e último experimento buscou verificar se monolíngues do PB e bilíngues do PB e do inglês, igualmente não imersos em ambiente com dominância da L2, teriam julgamentos diferentes de sentenças que simulavam na língua portuguesa a construção resultativa, construção lícita no inglês. A tarefa de julgamento construída para este experimento não restringia o tempo dentro do qual os participantes podiam emitir seus julgamentos.

4.3.1. Materiais e métodos

O experimento 3 foi conduzido em ambiente virtual, através do website Survey Monkey (www.surveymonkey.com). A tarefa experimental foi novamente um julgamento de aceitabilidade no paradigma da estimativa de magnitude. Como no experimento 2, o experimento 3 buscou observar se falantes bilíngues PB e do inglês com alto nível de proficiência apresentavam maior aceitabilidade às sentenças em PB que mimetizavam a construção resultativa do inglês.

Os participantes julgaram a aceitabilidade de 80 sentenças, das quais 8 eram o grupo de sentenças-alvo formado por instâncias da subconstrução resultativa transitiva selecionada com SAdj, cuja semântica é causativa de propriedade. Para investigar a representação de tais sentenças, todas elas foram formuladas de forma que apenas a interpretação resultativa fosse possível, utilizando-se um padrão sintático que exclui a possibilidade de interpretação das sentenças como instâncias da construção descritiva. Assim, todos os estímulos-alvo foram introduzidos por uma oração que tinha por objetivo deixar claro o contexto, e uma segunda oração, formada por um SN, um SV, um pronome cujo referente estava na oração anterior e um SAdj, como ilustrado em (12):

(12) Dois clientes reclamaram que a mesa estava molhada, então o garçom a esfregou seca.

4.3.2. Participantes

Nesta fase do estudo, 48 indivíduos foram testados. O grupo controle foi formado por 27 monolíngues do PB, enquanto o grupo de bilíngues com alta proficiência foi formado por 21 participantes. O procedimento para mensuração da proficiência dos participantes foi o mesmo utilizado no experimento 2, ou seja, o VLT. Todos os participantes do presente estudo eram maiores de idade e possuíam pelo menos formação superior incompleta.

4.3.3. Procedimentos e resultados

Tanto o teste de proficiência quanto o teste de julgamento de aceitabilidade foram realizados em interface da Internet. O teste de proficiência VLT foi realizado através do website Levels Test - Recognition (www.lex tutor.ca/tests/levels/recognition/2_10k/) enquanto a tarefa de julgamento de aceitabilidade foi feita em uma página específica do website *Survey Monkey* (www.surveymonkey.com). Os procedimentos de instrução e treinamento foram os mesmos descrito para o experimento 2, acima.

Devido à não normalidade dos dados apontada pelo teste de *Shapiro-Wilk*, utilizou-se o teste Mann-Whitney para comparar os julgamentos de aceitabilidade dos dois grupos. Os resultados indicaram que o grupo de monolíngues do inglês e o grupo de bilíngues com alta proficiência constituem amostras distintas ($Z = -3,237, p < 0,002$), como ilustrado no gráfico 4:

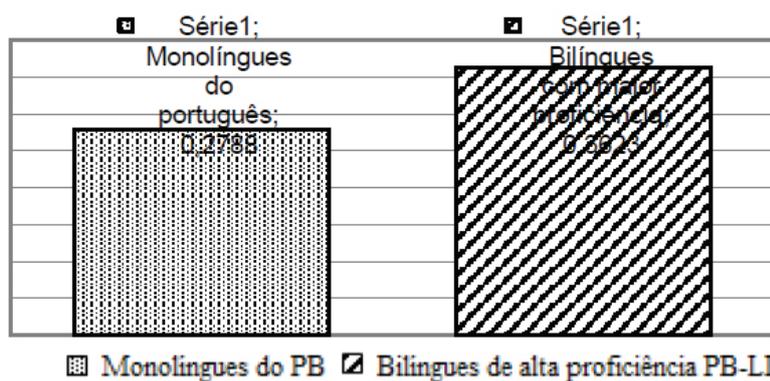


Gráfico 6: Mediana da aceitabilidade da construção resultativa.

Os resultados sugerem que o grupo de bilíngues com alta proficiência, em comparação com o grupo de monolíngues, apresenta aceitabilidade significativamente maior para a construção resultativa. Assim, a hipótese levantada em relação à representação da construção resultativa por bilíngues com alta proficiência foi confirmada. Os resultados encontrados indicam que a representação de L1 pode ser influenciada pela L2 e, por isso, bilíngues com maior proficiência julgam de forma dissemelhante a aceitabilidade de sentenças que mimetizam a construção resultativa do inglês.

5. DISCUSSÃO

Através dos três experimentos acima relatados observamos afastamentos dos falantes bilíngues em relação a sua L1. Tal afastamento foi atestado através da observação de comportamentos divergentes daqueles previstos ou efetivamente observados entre os falantes monolíngues dessas línguas. Portanto, é nossa compreensão ser possível interpretarmos os dados empíricos por nós observados como evidência sugestiva de algum efeito de bilinguismo, seja sobre o processamento na L1 ou sobre as representações dessa língua, entre os sujeitos por nós testados.

No experimento 1, observamos um custo inesperado para o processamento do clítico acusativo de terceira pessoa entre os bilíngues do espanhol (L1) e do PB (L2), contrariando a expectativa gerada pela obrigatoriedade de tal clítico na gramática dessa língua. Tal custo foi significativamente superior ao observado entre falantes monolíngues do PB, língua na qual há opcionalidade entre o clítico acusativo e outras formas, opcionalidade esta modulada por fatores pragmáticos. Julgamos plausível a conjectura de que esse custo adicional de processamento observado entre os bilíngues possa ter sido causado por seu conhecimento da opcionalidade existente em sua L2. Lembremos aqui que os sujeitos eram bilíngues imersos há vários anos na sociedade brasileira e com grande experiência e fluência no PB, ainda que nos pareça pouco plausível hipotetizar que os mesmos se encontravam em processo de perda das representações de sua L1, tal como apontado na apresentação dos resultados. Se tal conjectura estiver correta, o clítico do espanhol ganha para esses bilíngues uma saliência excepcional, levando-os à necessidade de computar mais informações do que os monolíngues provavelmente precisam computar. Esse estado de coisas torna o processamento da forma pronominal em tela mais oneroso para o indivíduo bilíngue.

O experimento 2 nos revela que um grupo de bilíngues do PB (L1) e do inglês (L2) não imersos em ambiente sociolinguístico da L2 pode ter comportamento diferente dos monolíngues do PB no julgamento de sentenças em língua portuguesa, quando as mesmas instanciam uma estrutura não licenciada em sua L1, mas licenciada em sua L2. Através deste experimento, observamos mais uma provável evidência de afastamento da L1, desta vez manifesta através de uma aparente suspensão da rejeição à aceitabilidade de uma construção que tipicamente é rejeitada por falantes monolíngues do PB. Ainda, compreendemos ser possível através desse experimento propor uma reconfiguração da própria representação da L1, através de uma aparente perda de contundência da restrição gramatical existente nesta língua. Tal interpretação é motivada pela comparação entre os resultados obtidos quando os bilíngues julgaram sentenças em inglês e quando as sentenças julgadas eram em português, pois esses resultados sugerem uma convergência entre as duas línguas.

Por sua vez, os resultados encontrados no experimento 3 replicam a observação da aparente convergência entre L1 e L2 entre bilíngues não inseridos em ambiente da L2. Esta replicação com uma terceira construção reforça a hipótese de que o mecanismo subjacente ao afastamento das restrições da L1 entre bilíngues é robusto, e relativamente independente de construções singulares. A este respeito, enfatizamos que os resultados observados nos três experimentos conjuntamente complementam-se, uma vez que como um todo eles sugerem que a aparente suspensão da restrição gramatical da L1

observada entre bilíngues poderá ocorrer com violações com graus diferentes de inaceitabilidade¹⁵. É importante ressaltar, igualmente, que as tarefas dos três experimentos acima descritos envolviam métricas do processamento on-line (os dados obtidos através de rastreamento ocular) e métricas off-line (os dados obtidos com as tarefas de julgamento). A relevância desta observação reside no fato de que ela implica que provável suspensão de restrição gramatical da L1 por nós proposta pode resistir mesmo a tarefas linguísticas que oferecem oportunidades ampliadas acesso a alguma forma de conhecimento metalinguístico, tal como oferecidas nas tarefas off-line. Portanto, tal reconfiguração não se resumiria em erro momentâneo de processamento.

6. CONCLUSÃO

O objetivo principal do presente estudo foi relatar evidências de comportamentos linguísticos que sugerem efeitos do bilinguismo sobre a L1 de falantes bilíngues, tanto no âmbito do processamento quanto da representação. Especificamente, buscávamos demonstrar que esses efeitos não se encontram restritos aos bilíngues imersos em ambientes linguísticos onde há dominância da L2, nem tampouco àqueles sobre quem é plausível a hipótese de perda, ou erosão de habilidades e de conhecimento da L1. Compreendemos que os experimentos aqui relatados oferecem-nos uma replicação da observação do efeito em questão com bilíngues que vivenciam o processo de imersão prolongada (experimento 1), mas também entre aqueles que não vivenciam tal processo (experimentos 2 e 3). Julgamos, portanto, que nosso objetivo primeiro foi cumprido adequadamente.

Compreendemos, ainda, que a variação da natureza das tarefas empregadas em nossos experimentos nos permite vislumbrar um efeito robusto. Constatamos que os bilíngues afastaram-se das expectativas e do comportamento efetivamente observados entre monolíngues tanto em tarefas que tocavam no processamento online, quanto em tarefas que eliciavam julgamentos de aceitabilidade. Essa permanência do efeito, observado em tarefas com diferentes requisitos de automaticidade, nos permite conjecturar a existência de um efeito que não se restringe a erros de desempenho momentâneos.

Não obstante, temos plena ciência de que as observações ora relatadas encontram-se ainda muito distantes de proporcionar um modelo teórico global do bilinguismo, meta por nós mencionada na abertura deste trabalho como objetivo maior do programa de pesquisa na qual o estudo ora relatado se insere. Entendemos que são várias as questões que ainda precisam ser minuciosamente investigadas para que uma compreensão mais segura sobre a possibilidade de interconexão entre sistemas linguísticos da mente bilíngue seja alcançada.

Dentre essas questões, situamos como prioridades para a agenda de pesquisas uma verticalização do entendimento sobre a provável interação entre diferentes perfis de proficiência (tanto em L2 quanto em L1) e de aquisição de habilidades bilíngues e a possibilidade de influências translinguísticas.

15. Souza e Oliveira (2011) demonstram que a percepção de não aceitabilidade da alternância de movimento induzido no PB pode ser gradiente, variando em função dos verbos de modo de movimento. Assim, a aparentemente a agramaticalidade da leitura resultativa se sintagmas adjetivais em sentenças tais como (12), juntamente com a omissão do clítico de objeto no espanhol, são estruturas que podem ser tomadas como mais salientemente propensas a uma condição categórica de inaceitabilidade do que a alternância de movimento induzido.

Ainda, reconhecemos que os três experimentos aqui relatados vislumbram estritamente a compreensão de sentenças, assim nada ou muito pouco tendo a dizer sobre a produção linguística e, portanto, deixando muito a desejar para a aproximação de um modelo abrangente. Resta ainda explorar-se com cuidado suficiente até que ponto o tipo de influência do bilinguismo aqui relatada é um processo consciente ou não, para que possamos definitivamente nos posicionar sobre estarmos diante de um fenômeno que diz respeito à arquitetura das representações linguísticas bilíngues, mais do que um comportamento estratégico¹⁶. Por fim, julgamos que há muito a ser explorado para a identificação dos subsistemas da gramática e de quais tipos de construções linguísticas são mais suscetíveis às influências translíngüísticas, assim como para a identificação dos mecanismos de inibição dessas influências, uma vez que há evidências de que elas são aparentemente altamente seletivas, mesmo nos estágios mais incipientes de aquisição de L2 (Zara, Oliveira e Souza, 2013).

Não obstante essas claras limitações, entendemos que o trabalho ora apresentando demonstrou a viabilidade da agenda de pesquisas na qual ele se insere, agenda esta a qual pretendemos dedicar estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- Amaral, E. T. R. (2007). A importância do fator intimidade na variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, 1:116-127.
- Balcom, P. (2003). Cross-linguistic influences of L2 English on middle constructions in L1 French. In V. Cook (ed.), *Effects of the Second Language on the First*. Clevedon: Multilingual Matters.
- Barbosa, J. A. (2008). *Estrutura sintática das chamadas “construções resultativas em PB”*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Braidi, S. (1999). *The Acquisition of Second Language Syntax*. London: Arnold.
- Braga, L. M. (2012). *Ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos moradores de Mariana e Uberaba – MG*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.
- Coelho, F. S. (2001). A língua portuguesa no Brasil. *Cadernos do CNLF*, 4, (Série V).
- Cyrino, S. M. (1996). Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In I. Roberts, I. & M. Kato (ed.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Dörnyei, Z. & Kormos, J. (1998). Problem-solving mechanisms in L2 communication – a psycholinguistic perspective. *Studies in Second Language Acquisition*, 20(3):349-385.

16. Agradecemos aqui também a um dos pareceristas anônimos, que chamou nossa atenção para este ponto.

- Dussias, P. & Sagara, N. (2007). The effect of exposure on syntactic parsing in Spanish-English bilinguals. *Bilingualism: Language and Cognition*, 10(1):101-116.
- Ellis, R. (2008). *The study of second language acquisition*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press.
- Fernández, E. M. & Souza, R. A. (no prelo) Walking bilinguals across language boundaries: online and off-line techniques. In R. J. Heredia; J. Altarriba; & A. B. Cieslicka (eds.). *Methods in bilingual reading comprehension research*. New York: Springer.
- Gelormini-Lezama, C. & Almor, A. (2011). Repeated names, overt pronouns, and null pronouns in Spanish. *Language and Cognitive Processes*, 26(3):437-454.
- Jackendoff, R. & Goldberg A. (2004). The English resultative as a family of constructions. *Language*, 80, 523-567.
- Jarvis, S. & Pavlenko, A. (2007). *Cross-linguistic influences in language and cognition*. New York: Routledge.
- Levin, B. (1993). *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- Lobato, L. (2004). Afinal, existe a construção resultativa em português? In: *Sentido e Significação*. Negri, L.; Foltran M. J.; Oliveira, R. P. (orgs). São Paulo: Editora Contexto.
- Marcelino, M. (2000). *O parâmetro de composição e a aquisição de L2*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Mendes, A. A. (2010). A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos moradores da zona rural de Matipó e Abre Campo – MG. *Cadernos do CNLF*, 14, 4, t. 3, 2056-2069.
- Moisés, J. A. (1995). *O “lugar” do artigo no discurso: considerações sobre o uso do artigo no português culto falado em Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Moreno Garcia, C. & Fernández, I. G. M. E. (2007). Usos y significados de los pronombres átonos: objeto directo e indirecto. In _____ (eds.), *Gramática contrastiva del español para brasileños*. Alcobendas: Sociedad General Española de Librería, 4, 47-55.
- Muysken, P. (2013). Language contact outcomes as the result of bilingual optimization strategies. *Bilingualism: Language and Cognition*. 16(4):709-730.
- Nation, I. P. (1990). *Teaching and learning vocabulary*. Boston: Heinle & Heinle.

- Odlin, T. (2013). Cross-linguistic influence (CLI). In: Robinson, P. (ed.), *The Routledge Encyclopedia of Second Language Acquisition*. New York: Routledge.
- Pavlenko, A. & S. Jarvis. (2002). Bidirectional transfer. *Applied Linguistics* 23(2), 190-214.
- Penna, H. M. M. M. (1998). *O emprego do pronome tônico de terceira pessoa em função acusativa no português: mudança ou retenção?* Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 119 f.
- Schachter, J. (1993). A new account of language transfer. In S. Gass & L. Selinker (eds.). *Language Transfer in Language Learning – Revised Edition*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins.
- Sorace, A. (2010). Using Magnitude Estimation in developmental linguistics. In: Blom, E. & Unsworth, S. (eds.), *Experimental methods in language acquisition research*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Sorace, A. (2011). Pinning down the concept of “interface” in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1(1):1-33.
- Souza, R. A. (2012). Two languages in one mind and the online processing of causatives with manner-of-motion Verbs. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL)*, 10(6): 220-239.
- Souza, R. A.; Oliveira, F. L. (2011). Is knowledge of a non-dominant L2 activated by bilinguals using their dominant L1? Insights from an on-line psycholinguistic study. *Organon*. 51:103-128.
- Van Hell, J.; & Dijkstra, T. (2002). Foreign language knowledge can influence native language performance in exclusively native contexts. *Psychonomic Bulletin, & Review*. 9(4):780-789.
- Wechsler, S. (2001). An analysis of English resultatives under the event-argument homomorphism model of telicity. Proceedings of the 3rd Workshop on Text Structure. University of Texas at Austin.
- White, L. (2003). *Second language acquisition and universal grammar*. Cambridge/New York: Cambridge University Press.
- Zara, J. V.; Oliveira, F. L.; & Souza, R. A. (2013). Selective transfer in the acquisition of double object constructions by Brazilian learners. *Alfa: Revista de Linguística*. 57(2):519-544.